

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

Letícia Cardoso Moreira

**ENTRE ESCRITA, PERFORMANCE E NEGRITUDES FEMININAS:
Trajetos e encontros possíveis**

**BELÉM – PARÁ
2022**

Letícia Cardoso Moreira

**ENTRE ESCRITA, PERFORMANCE E NEGRITUDES FEMININAS:
Trajetos e encontros possíveis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro, da Escola de Teatro e Dança, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

**BELÉM – PARÁ
2022**

Letícia Cardoso Moreira

ENTRE ESCRITA, PERFORMANCE E NEGRITUDES FEMININAS:

Trajetos e encontros possíveis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro, da Escola de Teatro e Dança, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Andréa Bentes Flores (Orientadora)
UFPA

Prof.^a Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos
UFPA

Prof. Dr. Thales Branche Paes de Mendonça
UFPA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao vigésimo primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezenove horas, reuniu-se de forma online, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof.^a Dra. Andréa Bentes Flores (Orientadora e Presidente), Prof. Dr. Thales Branche Paes de Mendonça (Examinador) e Prof.^a Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna Letícia Moreira, intitulado: **Entre escrita, performance e negritudes femininas: trajetos e encontros possíveis**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito BOM com as seguintes observações (no ato de leitura) e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 21 de dezembro de 2022

Prof.^a Dra. Andréa Bentes Flores
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Thales Branche Paes de Mendonça
Examinador

Prof.ª Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos
Examinadora

Dedico este trabalho a todas minhas ancestrais e às mulheres negras-artistas com as quais tenho o prazer de dividir o tempo-espaço, a todas aquelas que ainda estão se descobrindo artistas. A palavra, a cena, a palavra em cena podem ser lugares de morada, de nascer, de morrer e ainda assim continuar viva. Mais que resistir, nós existimos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus guias, à espiritualidade que me conduziu até aqui e me tomou pela mão em seus raios, em suas águas doces, em seu trovão tempestade, as encruzilhadas que se encontram e nascem potentes em cada encontro. Laroyê!

Agradeço também ao meu filho por me inspirar a prosseguir, a minha mãe que me deu mais que a vida, me deu a vivência, e minha orientadora maravilhosa que sem ela não teria conseguido estruturar ou desestruturar esse trabalho, topar essa aventura, embarcar comigo nesse universo que é a escrita. Tu és mesmo Flores em meu caminho!

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.
(Conceição Evaristo)

RESUMO

O presente trabalho busca investigar de que forma a escrita performática auxilia na produção de subjetividade e expressividade de mulheres negras, através de oficinas de escritas, onde ocorrem atos performativos da palavra, e nesse processo analisando de que maneira as memórias são ocupam um espaço nessas escritas de si, como trajetórias em performances de um grupo majoritariamente subalternizado e estigmatizado Representação que parte comumente por dois polos: opressão e resistência, afetando de certa maneira a relação complexa que inter cruzam os conceitos. Para romper com essa lógica e pensarmos essas sujeitas de forma não dicotômica e dar conta da complexidade de ser mulher negra em nossa sociedade, trabalhei a partir da carta aberta de Gloria Anzaldua. A fim de embasar os eixos de análise, serão utilizados os apontamentos de Gloria (1980) numa perspectiva do que é ser artista-escritora, Kimlomba (2019) acerca da memória como identidade e; Paul Zumthor(2008) na perspectiva de performance e oralidade, um conceito amplamente vivenciado durante essas oficinas, pensando escrita, performance, memória numa perspectiva integralizada.

Palavras-chave: Performance, Escrita, Memória, Negritude

ABSTRACT

The present work seeks to investigate how performatic writing helps in the production of subjectivity and expressiveness of black women, through writing workshops, where performative acts of the word occur, and in this process analyzing how memories occupy a space in these writings of themselves, as trajectories in performances of a majitarily subalternized and stigmatized group Representation that commonly departs from two poles: oppression and resistance, affecting in a certain way the complex relationship that intersects the concepts. In order to break with this logic and think about these subjects in a non-dichotomous way and to deal with the complexity of being a black woman in our society, I worked from Gloria Anazaldua's open letter. In order to base the axes of analysis, Gloria's notes (1980) will be used in a perspective of what it is to be an artist-writer, Kimlomba (2019) about memory as identity and; Paul Zumthor(2008) in the perspective of performance and orality, a concept widely experienced during these workshops, thinking about writing, performance, memory in an integrated perspective.

Keywords: Performance, Writing, Memory, Blackness

SUMÁRIO

CARTA AOS LEITORES.....	p.10
PELE 1: A linguagem como forma de torna-se quem se é... E quem se é, afinal?.....	p.16
PELE 2: Entrevisto mulheres ou deixo peles-pergaminhos para mim?.....	p.21
PELE 3: Falar em línguas também é falar no silêncio.....	p.26
PELE 4: A linguagem e o corpo são invenções.....	p.28
PELE 5: Se colocar enquanto discurso- eu escuto esse curso.....	p.31
PELE 6: O traço impreciso, o traço incerto, vou traçando enquanto monto a mim mesma, e perco as chaves.....	p.32
PELE 7: Os textos delas e seus atravessamentos.....	p.36
E SE HOVER CONCLUSÃO, É APENAS PARA DAR PASSAGEM...	p.40
REFERÊNCIAS.....	p.41

Fortaleza-CE, 19 de dezembro de 2022.

Queridos leitores,

Sejam bem vindes a meu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro. Resolvi escrever algo para ser lido antes que cada uma de vocês sigam o fluxo da minha escrita-trajetória, convidando vocês a adentrarem nesse território junto a mim. Enquanto me descobri escritora, descobri-me também alguém que conduz, facilita, performa esse caminho da escrita em direção a outros e nessas trocas tanto recebe, quanto expande, oferece algo. Eu gostaria então de fazer desta carta um modo de auxiliar ou de alguma maneira conduzir seu caminho de leitura, de modo a permitir que a experiência de leitura também provoque expansões no corpo de quem lê, tal qual estas escrituras provocaram em mim.

Pensar escrita para mim é pensar movimento, lastro de vida mesmo enquanto tudo queima. É pensar na natureza, é pensar que ainda que nada seja natural na natureza, tudo é natural, porque o tudo e o nada são faces da mesma moeda. A escrita me caminha, em espiral pelo corpo desde muito cedo, e me compreender escritora foi um processo porque acredito nós- mulheres pretas- da minha geração não nos enxergamos como escritoras, escritores eram majoritariamente homens brancos. Então compreendo esse trajeto como uma autonomia-afirmação, é me colocar em linhas, em versos, em prosa, traçar escritas performativas que se anunciam como dramaturgias possíveis para performances cênicas. E o que essas performances têm a dizer? Que eu sou escritora, e também sou mulher negra, sou uma mulher negra escritora e performer de minha existência.

Grada Kilomba (2006) inicia seu livro esta epígrafe: “porque escrevo, porque eu tenho de porque minha voz em todos os meus dialetos foi calada por muito tempo”. Este trabalho é uma forma também de homenagear a memória da minha ancestralidade e traduzir em palavras, ou ao menos tentar o que esse percurso representa para mim. Falando\escrevendo a partir de quem sou, da minha trajetória porque como Grada afirma, não tem escrita neutra, é pretencioso achar que a academia produz discursos neutros, é sempre saindo de um lugar de um ponto de partida, ninguém produz discurso sem localidade\bagagem.

A minha bagagem é minha ancestralidade, minha vivência enquanto performer da palavra, performer da cena; esse é o lugar de onde brotam as nascentes, as vazantes, é o lugar mais autêntico e genuíno de quem sou. Uma vez numa oficina de escrita que fiz escrevi que minha escrita brota dos ecos silenciados, dos sonhos que ficaram imbuídos no olhar e jorram nas linhas, vazando todas as nascentes escondidas, mascaradas. Minha escrita me toma pela mão e sacoleja todo meu corpo, me põe em palco, ensaio ângulos, luzes, enfim sou vista. Minha escrita me coloca no mundo, dando-me à luz.

Escrevo este TCC na intenção de partilhar essa luz que me origina, percorre e performa meus caminhos. Luz de escrita que gera performance, que anuncia modos de existir também em cena. Escrevo a esse respeito porque na linguagem e inscrita na linguagem, eu nasço, eu existo e, ao existir, investigo, busco e invento novas formas de estar no mundo.

A linguagem atravessa todas minhas possibilidades. Neste TCC, busco caminhos que também sejam pistas de descoberta de si para quem lê, assim como o são para mim. Pistas que se conectam umas às outras pela experiência performativa com a escrita, não por uma linearidade pré-definida. São, assim, como pergaminhos antigos, feitos de pele. Neste caso, de pele preta, feminina. Cada escrito, cada pergaminho, um registro de altíssimo valor pessoal, que encerra sentidos em si mesmo, sem deixar de se conectar aos outros pela experiência que os reúne aqui. Busco interligá-los numa espécie de espiral, escrita sobre escrita, escrita sobre meus processos de escrita partilhados com outros, escritas de outros que partilharam a escrita comigo, escritas para um dia se tornarem cena... Escritas que me constituem em performance, em vida, ensaiar as palavras, passá-las pela boca, pelos dedos, pelo corpo, procurar o tom, reunir pergaminhos e dividir com outros meus processos de criação em escrita e corpo e corpo que se cria por entre escrituras. Abandono, afinal, a necessidade do pergaminho e fico apenas com as peles. Cada escrito, uma camada de Pele.

Achar o ritmo, achar a cadência, ouvir o outro, ser mais que lida, ser ouvida, ser sentida ao nível da pele. Sou também ministrante de oficinas de escrita¹, algo

¹ Oficinas de escrita literária/criativa onde condesso técnicas teatrais a escrita literária/performativa, ministradas uma pela Usina das Icamíabas em Belém, cinco de forma

que descobri durante o processo de enfrentamento da pandemia da COVID-19 e que acabou se tornando minha principal estratégia de escrever junto. O que acontecia nas oficinas faz parte desse corpo em performance, são acontecimentos que me alteraram por completo e seguem vibrando no corpo, tanto quanto minhas escritas ficcionais e ao mesmo tempo pessoais, solitariamente criadas. Relatar o cotidiano, as memórias e constantemente se questionar “sou escritora”, algo tão presente em meus processos de criação, que também encontrei enquanto dificuldade de muitas mulheres que estiveram comigo durante as oficinas. Sou escritora: eu também um dia já me perguntei mas afirmo com deleite e convicção que sim, esse trabalho é uma prova disso. Sou também performer e essa é uma experiência diretamente ligada a minha pele.

Gloria Anzaldua (2000) escreve para mulheres negras, sobre o ato de escrever. Ela afirma que nós sempre esperamos um prédio literário, um reconhecimento pra poder nos considerarmos escritora, algo externo ao próprio ato de escrever e ser lida. Eu me identifico com a autora. Me leio, me coloco ali de corpo de palavra, na pulsação, assim como me coloco nesta carta aberta. Meu corpo na escrita: corpo parido , sou mãe do Nicolás Cardoso Moreira, de 3 anos e 11 meses, sou um corpo feminino, preto, um corpo-artista-ativista, escrevo pra confrontar-me comigo mesma e com meus demônios, escrevo pra buscar na terra a origem que move minhas águas e impulsionar a outras mulheres.

“Uma mulher que escreve tem poder” (ANZALDUA, 2000, p.234). Foi o que Gloria Anzaldua escreveu em sua carta aberta, e é o que diz também Letícia em sua carta. Uma mulher que escreve tem poder, se materializa nas palavras, e se coloca um pouco em cada uma que a lê, em poema, em prosa, em dramaturgia de cenas porvir, em trabalho de conclusão de curso. Conhecer-se pela própria voz, pela letra, é margear a existência até estar no centro da espiral que não pára de girar, é nos unir a todas as versões e às outras, é integrar o tempo espaço e se deixar pertencer por ele, é se fazer ser ouvida. Não somente escrevemos, nos lemos, ouvimo-nos, fazemo-nos ouvidas, estamos assim em pleno ato performativo. Escrevo e escrevemos porque acreditamos no poder que

tem a palavra e para além do poder, do encantamento que tem a palavra, o partilhar, o trocar.

Burlar anos de margeamento ou ao menos tentar ainda que sem a intenção porque o que a escrita pode é fazer encontrar caminhos e assim sair do lugar imposto\arbitrário\automático. Escrever é também desautomatizar e mover as engrenagens e nesse movimento produzir outras formas de conexão, produzir outras formas de existência que borram esse ciclo e que se colocam numa linguagem que ainda talvez não tenha sido traduzida. Glória Anzaldúa (2000) afirma que falamos em línguas. Essa expressão se refere ao fato de que ainda não somos conhecidas, uma vez que olhos de brancos não se interessam em nos ver. Ela aprendeu outras línguas para provar aos racistas que sim ela era capaz, e nós, mulheres negras, aprendemos outras línguas para tirar nossa existência da classificação, de molde da caixinha para fazer do corpo extensão da palavra, que pulsa. Escrevemos para criar nossa própria linguagem, escrevemos porque queremos ser lidas, lidas para além da palavra, para além da decodificação de nossos corpos, ultrapassando a superficialidade, o racismo, as estruturas que nos limitam. Lidas no que somos, na extensão do que somos e não transparece, lidas muito aquém do binarismo dor-resistência, mas também em nossos desejos, no borrado entre uma coisa e outra, no borrado entre escrita e performance. Escrevemos porque queremos ser lidas.

Uma condição permissiva de escrita que a aproxima de existências mais do que de significados, por se deixar influenciar pelas qualidades do que está entre, pelo que não pode ser inteiramente capturado ou articulado e assim se tornar uma experiência em seu próprio-movimento-próprio, cheia de possibilidades relacionais (MELLO et al, 2020, p.4).

Partilhamos entre nós e com outres mais que palavras. São vivências, memórias, acesso a lugares que a colonização tentou invisibilizar como possíveis para nós, acessamos lugares potentes dentro de nós mesmas “por que me sinto tão obrigada a escrever, porque a escrita me salva, porque tenho que manter viva a escrita de mim mesma, porque o mundo que crio na escrita me compensa e coloco o mundo e ordem, escrevo para escrever os contos mal escritos de mim mesma (ANZALDÚA, 2000). Ao partilhar essa vivência, criamos uma outra possibilidade, uma outra espiral do tempo e do entendimento de nós

mesmas. Como uma máquina de inventar existência. De sanidade. Ou de insanidade. De criar ficções e fricções que lancem no mundo aquilo que se prende, que se internaliza, que quer ser suprimido, o lugar do fora de ordem, aquilo que não é visto como a ordem, o caos talvez, por vezes animalesco, que pulsa, rasga, pede pra existir fora, fora de uma fenda mal vista. Enquanto escrevo, estou em pleno ato performativo.

Escrevemos para nos inscrever fora dessa fenda, fora da opressão, da repressão, escrevemos não porque fomos atravessadas por algo, mas porque já estávamos emaranhadas em atravessamentos que por vezes nem sabíamos nomear. Nas oficinas que ministrei, eu percebi essa dimensão da memória vir, do corpo vir e ainda assim não saber colocar em palavras. É um exercício, é sobretudo uma escuta, se pôr em palavras, se decodificar, não ser mais o outro do outro, ser sujeito de si.

A mulher do terceiro mundo se revolta: Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitamos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios. Eu posso escrever isto e mesmo assim perceber que muitas de nós — mulheres de cor, que penduramos diplomas, credenciais e livros publicados ao redor dos nossos pescoços, como pérolas às quais nos agarramos desesperadamente — arriscamos estar contribuindo para a invisibilidade de nossas irmãs escritoras (ANZALDÚA, 2000, p.231).

Para além dos estigmas que nos imputam, pela nossa escrita validamos quem somos e nos colocamos em existência, numa forma confessional, numa forma de diário, numa forma autobiográfica, numa forma que derruba as formas e é um pouco disso que esse trabalho tenta fazer, borrar as fronteiras, borrar as formas, as formas arbitrárias e excludentes de encaixar a escrita em um único formato possível, sendo que existem fora desse molde, nas tintas que escorrem vazando o quadro, diferentes possibilidades e múltiplas formas de linguagem, de expressão.

Afinal, a linguagem é

uma

m a r é

r e v o l t a

frenética

feroz

que

também

afoga

em

redemoinho.

Desejo a todes boas leituras, descobertas, mergulhos em mim e em si mesmas.

Abraços,

Letícia Moreira

PELE 1:

A linguagem como forma de torna-se quem se é...E quem se é, afinal?

A linguagem é forma de acesso, acesso ao outro, acesso ao sentimento, acesso ao pensamento ao que há de genuíno na forma de ser e comunicar, no ato de ter voz e ter voz como portar anseios, temores, sonhos, ser sujeito não só em teorias mas em vias de fato, hooks falava sobre acreditar que a história podia ser interrompida, apropriada e transformada a partir da prática artística literária (hooks,1990, p.152).

Compreendi meu trabalho enquanto condutora da palavra e do incentivo à vazão da palavra como alguém que medeia um caminho a si mesmo, como alguém que auxilia o outro a reconhecer a sua voz, processo esse que por vezes pode ser margeado de dor porque se enxerga como sujeito, ao invés de objeto que foi estigmatizado, visto a vida toda é um processo longo de autodescoberta, é fazer oposição a um processo colonial que imputa regula e controla corpos negros, é se enxergar como alguém e não mais um objeto de estudo, autoridade e agenciamentos de si próprio.

Kilomba afirma em memória de plantação que escrever é “um ato de descolonização no qual quem escreve opõe-se a posições coloniais tornando-se escritor-escritora validado ao reinventar a si mesma, nomeia uma realidade que fora erroneamente nomeada ou sequer fora nomeada (KILOMBA, 2008, p.16). Ao convidar essas mulheres a escrita, a escrita sobre memórias, a escrita sobre si mesma, as convido também a adentrar num universo pessoal, subjetivo, as convido a tomar o protagonismo dessas memórias que por vezes são apagadas, inviabilizadas, descredibilizadas e transformá-las em matéria prima-pulsante pra arte. Ao longo das oficinas trouxe uma videoperformance a qual sempre exibia como indutores ao exercício, uns dez minutos antes de ir à parte prática, performance² no qual uma mulher negra se ‘banha’ de terra e nessa performance se mostram diversos elementos visuais, a terra,o transito, o tempo que se da esse movimento-enlaçamento com a terra, os alunos sempre ficam tomados com essa apresentação e tudo que ela representa, as nuances, os detalhes, todas as possibilidades amplas de criação; sempre costumo perguntá-los sobre suas impressões ao final do video e as respostas sempre são as mais diversas, visto que apesar do enfoque do trabalho serem mulheres negra, recibos nas oficinas

² Refiro-me à performance da artista Keila Serruya, denominada “Ancestralidade, Planta e Terra”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1MgYySEfTtA>

gente de todo brasil, visto que elas ocorrem remotamente, e público diverso, tanto homens quanto mulheres, tanto negros, quanto brancos.

“O video é forte, me remete a ancestralidade, a mulher com a terra, ela passando essa terra no corpo mesmo em meio ao transito, as pessoas passando e ainda assim ela parece conectada, imersa, mesmo que as pessoas olhem com um olhar curioso, ela ta concentrada ali”

Essa foi uma resposta que recebi de uma aluna negra durante uma oficina logo após passar esse vídeo e abrir ao debate, achei intrigante o fato de ela associar a terra com ancestralidade o fato de ela também perceber essa imersão e entrega da atriz performer também me traz a tona o fato dessa forma de dar-se voz, de deixar falar, de se distanciar da posição de objeto, de produzir uma linguagem, uma forma de comunicação outra que não mais aquelas a colonialidade ainda vigente e operante pela tecnologia do racismo nos imputa.

As opiniões sobre esse video-performer-indutor já foram as mais variadas possíveis, mas elas partem de um ponto em comum esse elemento terra chama atenção, pois não se espera que alguém se banhe de terra, tampouco no meio do frenesi urbano que é uma capital- no caso a performance se passa numa metropole- Manaus- eu escolhi passar esse video não por um acaso, uma escolha aleatória, o escolhi porque acredito que a relação da artista diga respeito a esse processo de retomada, pela terra simbolizar essa reconexão consigo mesmo, as origens assim como a escrita também é uma forma desse caminho de retomada a si mesmo, de colocar-se diante do outro, colocar-se ainda que exista um movimento externo que não seja condizente com esse processo, tal como o trânsito, enfrentar os olhares de desaprovação, de descrédito, a escrita é essa caminhar, esse colocar-se esse romper com ser objeto do outro.

Então peço-os que escrevam sobre essa sensação que o vídeo causou, visto que a performance nos coloca também nesse lugar de estranhamento de questionamento do que se é o que, a performance nos tira de ordem, de rota, faz um desvio nesse cotidiano a escrever sobre essa performance é pensar a escrita como uma possibilidade de refletir essa performance, como um caminho a ser adentrado e ao adentrar nesse caminho-jornada compreender como se da esse retorno ao eu, a descoberta dessa linguagem tal qual a artista é inundada

por terra o sujeito no momento da escrita é atravessado em seus pertencimentos e aquilo que comumente é margeado, é colocar pelas palavras aquilo que o silêncio imposto a branquitude calou. E ao finalizar a escrita tem o momento de partilha dessa escrita, onde coletivamente paramos para escutar e comentar os textos uns dos outros, mesmo aqueles que não leem o seu próprio texto permitem e anseiam que alguém os leia em voz alta, trazendo a oralidade a tona ajuda a tornar o processo de se trazer a tona mais concreto, pois quando o outro escuta a escrita se potencializa e ganha uma dimensão outra, é poder se reconhecer enquanto sujeito autônomo e partilhado com outro, se reconhecer pela voz, pela palavra narrada, pela oralidade o que também retoma a questão da ancestralidade da performance da terra, as vozes que assim como Vilma Reis pontuo veem de longe

Ao ler os escritos, abre-se um portal de reconexão com a ancestralidade que vem da oralidade, é remontar ao que por décadas fizeram mães, avós ao embalar e ninar suas crias, é construir uma ponte com esses passos que ressoam de longe, criar um ambiente acolhedor de partilha para que essas trocas possam de fato ocorrer e pela palavra se conectarem consigo mesmo com suas histórias e trajetórias de vida, ânsia de por em palavras aquilo que é frequentemente tomado, aquilo que branquitude e o tempo usurpa, renega.

aí percebemos sempre essa vontade às vezes cega mas radical, essa energia vital presente nos começos de nossa espécie e que luta em nós para roubar nossas palavras à fugacidade do tempo que as devora
(ZUMTHOR, 2005, p. 57).

Ao partilhar a palavra ela ganha uma dimensão maior da vida e no coletivo existe resiste, os textos ao oralizados e comentados pelos outros participantes podem se perceber nuances, detalhes que passaram despercebidos, olhar do outro sobre o que é oralizado é como estar em comunidade de alguma maneira

se assemelha ao que aconteciam nessas rodas, as histórias que eram narradas de geração a geração, a tensão que a voz emite, a expectativa de quem ouve, fazendo com que a experiência seja a de uma performance que remonta a ancestralidade das rodas de histórias, o que pode ser mais ancestral que a palavra, que narrativa, a contação de histórias, inventar universos, ficcionais, trazer a tona sua realidade, recontar o que de alguma maneira já foi dito, ainda que pra si mesma

emana a coerência de uma escritura, a coerência de uma inscrição do homem e de sua história pessoal e coletiva, dentro da realidade de destino. Este interesse pela memória (no sentido de recordação) depende da enorme função desempenhada nesta cultura pelas transmissões orais – sustentadas pela voz, da que é assento eminente a poesia (Zumthor, Paul. 2018,p 45)

PELE 2:

Entrevisto mulheres ou deixo peles-
pergaminhos para mim?

Essas mulheres as quais conduzi nas oficinas e eu, escrevemos para colocar o nosso valor em linhas e bem mais que isso, construir nossa autonomia, nos constituir além das imagens de controle, nos colocarmos bem além do ultraje do sensor que sempre teima em nos rotular binariamente: louca ou santa, puta ou conservadora, sempre binômios, sempre em caixas, sempre em rótulos, imposições. Escrever é chave que abre e liberta dessas prisões sistêmicas

Fiz um exercício de entrevista com duas participantes das oficinas³, procurei investigar essa questão da oficina, como a escrita corpo-performance as auxiliou a pensar esse processo de escrita-memória-autoconhecimento

1) Depois da oficina percebeu alguma diferença na tua escrita, como pensar a palavra pelo corpo te auxiliou no processo de escrita?

Sim! Percebi que o processo da escrita se tornou mais rápido, pois as palavras ficam mais perceptíveis quando associo aos sentimentos que reverberam no corpo. O texto fica mais rico quando busco imaginar que as palavras podem ser associadas a alguma percepção/sensação cognitiva, como: o tato, o paladar, etc.(CORDEIRO, 2022)

A busca do objeto.

Nossos "sentidos", na significação mais corporal da palavra, a visão, a audição, não são somente as ferramentas de registro, são órgãos de conhecimento. Ora, todo conhecimento está a serviço do vivo, a quem ele permite perseverar no seu ser. (Zunthor, Paul.93. p 40)

³ Victoria Cordeiro, artista plástica e Fabia Correa, jornalista. Participantes da quinta e sétima edição, respectivamente

2) As memórias suscitadas fizeram alguma diferença na hora de escrever, como se dá o processo de lembrar, o que o corpo implica nisso?

Acredito que as memórias servem como excelentes indutores para a escrita criativa. Além delas ganharem uma ressignificação no ato da descrição, elas proporcionam uma riqueza de detalhes que podem fazer conexões com a proposta do texto e fazer com que o corpo reaja a esse estímulo, gerando novas possibilidades de sensações. (CORDEIRO, Vitoria, 2022)

3) Acredita que a relação corpo escrita auxilie na hora de produzir literatura?

Acredito sim! O corpo possui elementos ricos que servem de indutores durante o processo da escrita.(CORDEIRO, Vitoria, 2022)

4) De que forma a oficina conduziu teu processo criativo?

Ganhei uma nova visão a respeito da escrita. Consegui compreender as propostas das dinâmicas e executá-las de forma mais fluida, pois pude praticar a descrição da imagens criadas através dos sentidos (tato, paladar, olfato, etc.) e dos sentimentos estimulados/induzidos pelas memórias e objetos. (CORDEIRO, Vitoria, 2022)

- 1) Depois da oficina percebeu alguma diferença na tua escrita, como pensar a palavra pelo corpo te auxiliou no processo de escrita?

A oficina me abriu um leque de possibilidades de traduzir sentimentos incluindo as sensações corporais no texto.

" As mãos tremiam ao pegar o copo" é uma forma simples que passa mais emoção, do que simplesmente "estava nervoso ao pegar o copo".

Os meus textos ficaram menos frios depois da oficina. E, quando possível, uso esse aprendizado até nos meus textos jornalísticos. (CORREA, 2022)

- 2) As memórias suscitadas fizeram alguma diferença na hora de escrever, como se dá o processo de lembrar, o que o corpo implica nisso?

Usar a técnica da memória sensorial do que o corpo já viveu e trazer isso para os meus textos tem prós e contras. Se por um lado o texto ganha mais emoção, por outro, essa mesma emoção, muitas vezes me destroça, pois pode vir com uma carga muito pesada. Saber dosar e usar isso é um desafio. (CORREA, 2022)

- 3) Acredita que a relação corpo escrita auxilie na hora de produzir literatura?

Pra mim tem funcionado muito bem. Me abriu um novo horizonte de criatividade. (CORREA, 2022)

4) De que forma a oficina conduziu teu processo criativo?

Aqui cabe destacar que não foi a oficina somente, os créditos tem que ir pra técnica usada pela Letícia. Eu já havia participado de outras oficinas de texto criativo, com pessoas renomadas, mas acho que a forma de transmitir fez muita diferença. O tom de voz cadenciado foi capaz de prender minha atenção e me despertar para novas possibilidades de escrita (CORREA, 2022).

Ao pensar nas respostas das entrevistadas, penso que essa fronteira se estreita, penso que esse caminho performance\memória\corpo\escrita se borre e algum momento se conflua para o mesmo rio que também é linguagem, nesse caminho se conflua e flua em múltiplas direções sem perder o sentido.

PELE 3:

Falar em línguas também é falar no silêncio

Semana passada enquanto escrevia um artigo sobre silêncio e som comecei a poetizar a respeito- escritor tem dessas né, qualquer tema que gere reflexão, já vê motivo para escrever... e foi daí que o texto de hoje nasceu.

Respirando devagar fechei os olhos. Tudo que veio a mente foi aeroporto. Não um aeroporto específico, mas a ideia do lugar, a ambientação, o cheiro a forma e toda simbologia guardada nas miudezas dos olhares estampados naquele lugar que costumam as nuances embaçadas entre idas e vindas. E o silêncio que acompanha cada passo em direção ao embarque, sobrevoando entre um destino e outro, o vazio de barulho enquanto o peito borbulha sons abafados.

Esse silêncio que faz tudo parecer menor e ao mesmo tempo alargado demais e cada num instante entre o piscar de olhos. O som da chegada, o estrondo que pisar em novo território faz por dentro as vezes silencia as palavras e as descobertas brotam pelos vãos craquelados da calçadas, por vezes tão silenciosas que os olhos não dão conta... enquanto o aeroporto é território de ninguém e ao mesmo tempo de todos, do instante do momento num alo fino de polos opostos, convergindo num mesmo momento- a transição e todos as vozes que ficam pelo caminho e o silêncio diante do novo

O silêncio que repousa no peito em meio ao caos que pulsa os olhos e se dissolve num estalo de dedos, trazendo a realidade e seus sons de volta à tona no maciço do cotidiano que se brinca de movimento não tão fluidos assim se instalando no corpo inteiro.

Quantos silêncios cabem nos ruídos das horas?

na sombra
 pendendo pro lado
 o ruído na imagem
 possibilitando a brecha
 de interpretação
 o movimento
 no desfazer
 em concha
 dele que instala
 habita sem pressa
 compacto
 nas miudezas
 dos minutos
 arrastando no
 pelos braços
 cabelos
 diafragma

silêncio

Escolhi esse texto para compor a pele três porque acredito na potência da palavra tanto quanto acredito na força que tem sua ausência, porque acredito que a palavra dialoga com que vem sendo costurado aqui, pele por ele. Porque nessa profusão de poemas, versos, citações, referências, entrevistas, escamas, pele, eu me encontro, e me encontrando pela palavra, eu me acho, e ao me achar na miudeza dos minutos, arrastados por todo corpo, eu versejo, e ao versejar, enfim, eu sou. Um pouco de mim, um pouco do outro que também é um pouco de mim em cada pedaço, em cada página, em cada letra, em cada pele.

PELE 4:

A linguagem e o corpo são invenções

A pré linguagem, a linguagem intangível, a história por trás da narrativa, os farelos que se perdem ao serem traduzidos ao texto, porque todo texto é uma tradução e não existe tradução 100% fiel a obra, algo sempre se perde, se esfarela, resta aquilo que resiste ao esfacelamento, as miudezas que conseguem passar nesse filtro e se borram entre a teia do pensar em as letras do papel, a tradução, como se essas miudezas fossem o interlúdio entre o pretexto e o texto. Entre a prosa e a poesia, as miudezas que vazam do pensamento se fundem em prosa poética, a união da linha contínua da prosa e a cadência da poesia

O caminho do texto, o caminho do livro, o tal do processo criativo não é uma linha reta, não é horizontal, é perpassado por consumir- o olhar mais demorado, que se arrasta no que reluz- ler, tocar, experimentar são etapas da gestação de um texto, o início dessa gravidez seria o encanto, o pensamento mais insistente em determinado tema, a metade seria os pensamentos de “poderia escrever sobre isso” e “ humm e se eu associar x e y pra falar de z” e então essa dança se inicia entre movimentos vagarosos, a barriga vai crescendo, o texto vai se aproximando de vir ao mundo, de debutar para que primeiras mãos, curiosas o tateiam, para que olhos curiosos- tais como esses da tela- os descubram, descortinam, tirem o véu, passeiam os dedos mindinhos pelas entrelinhas.

Entrelinhas essas que surgem de outro olhar, aquele detalhe na fotografia que pode mudar o tom, alguém olhando torto por trás de quem estampa a fotografia, um avião que passa no céu e revela que aquele ambiente na verdade não é bem o que imaginavam, uma palavra que atravessa e desce de um jeito ambivalente, que gira a chave e de repente faz quem lê perguntar “ será que é isso mesmo?”. Pergunta essa que quando o pretexto ainda é gestado aparece recorrentemente batendo a porta, será que é isso mesmo que quero dizer? será que esse gênero é a melhor forma de falar sobre x, será que de repente a escolha desse vocabulário âncora melhor o que quero dizer?

No fundo, no raso, no meio, em todos os planos, o pretexto, o texto concordam em um fator, ambos querem comunicar algo, se traduzir, se valer de códigos, conjugações, pontos vírgulas, metáforas, prosopopeias, o que mais estiver ao alcance das mãos pra compor essa teia tão subjetiva que na partilha se amplia, ganha outro sentido porque o sentir não é mais individual e do momento em que o texto rasga a carne, vem ao mundo ele se transforma seu sentido se dilata, e o pretexto pode não significar mais nada, novos sentidos são atribuídos, inventados, fabulados.

PELE 5:

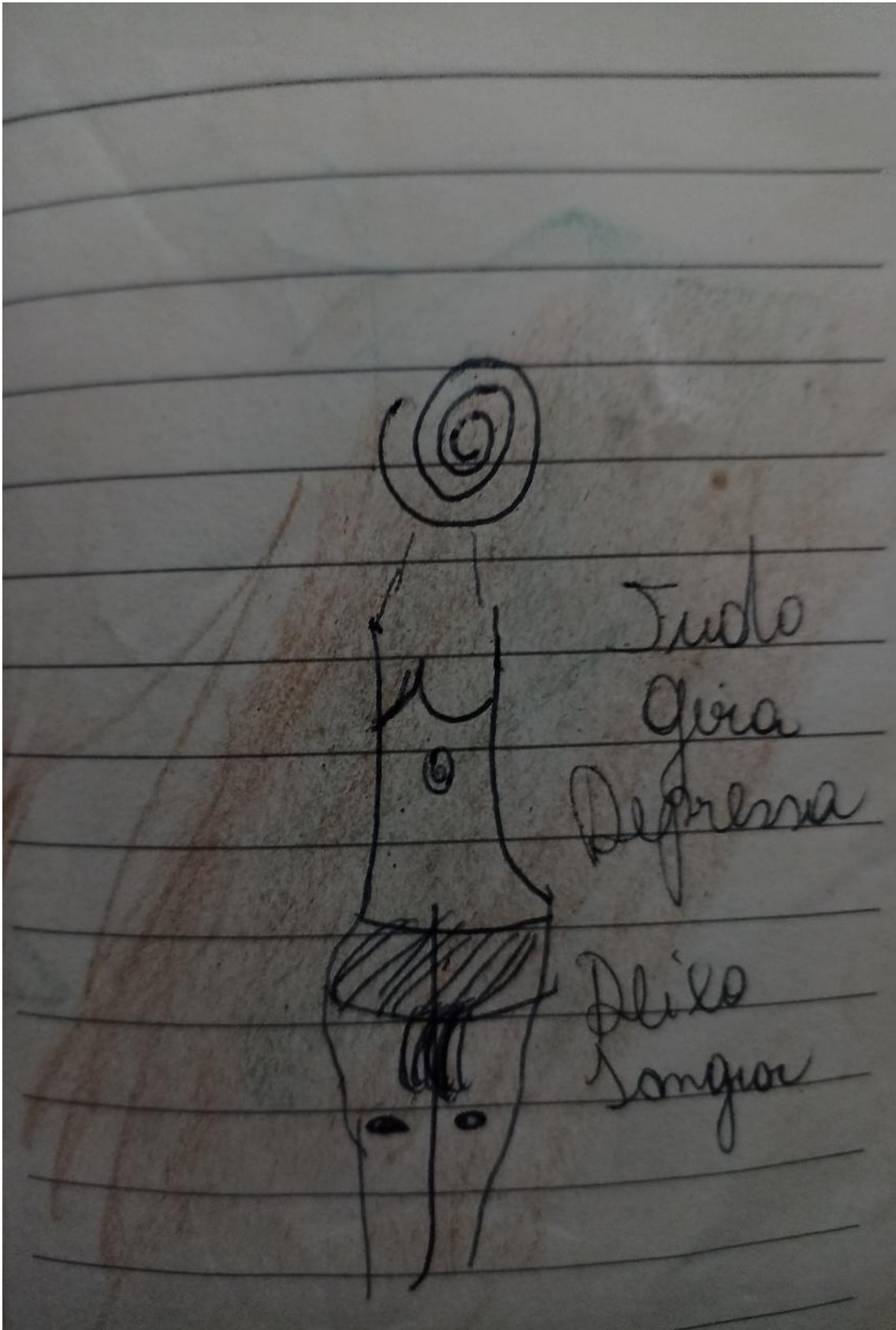
Se colocar enquanto discurso- eu escuto esse
curso

<https://drive.google.com/file/d/1mGxpFkFRzg3U9v-DJrCgPzFre1d5k8R/view?usp=sharing>

<https://drive.google.com/file/d/1cTeMHY7Mt2WC8x5vmW-uFhpPhpWjxGk3/view?usp=sharing>

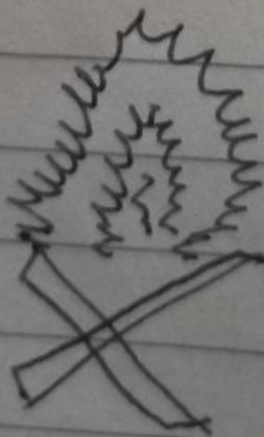
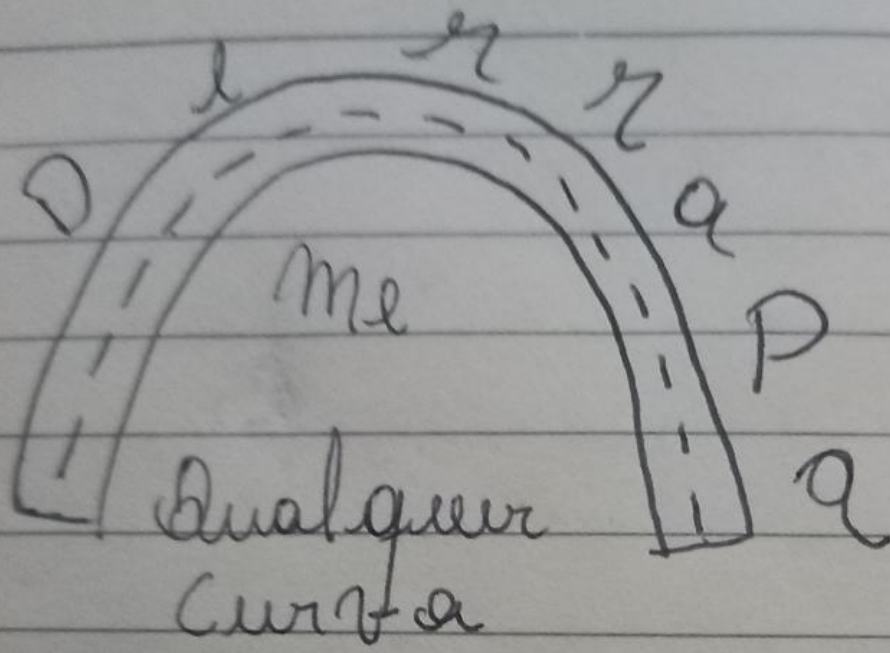
PELE 6:

O traço impreciso, o traço incerto, vou traçando enquanto monto a mim mesma, e perco as chaves



Tudo
Gua
Depressa

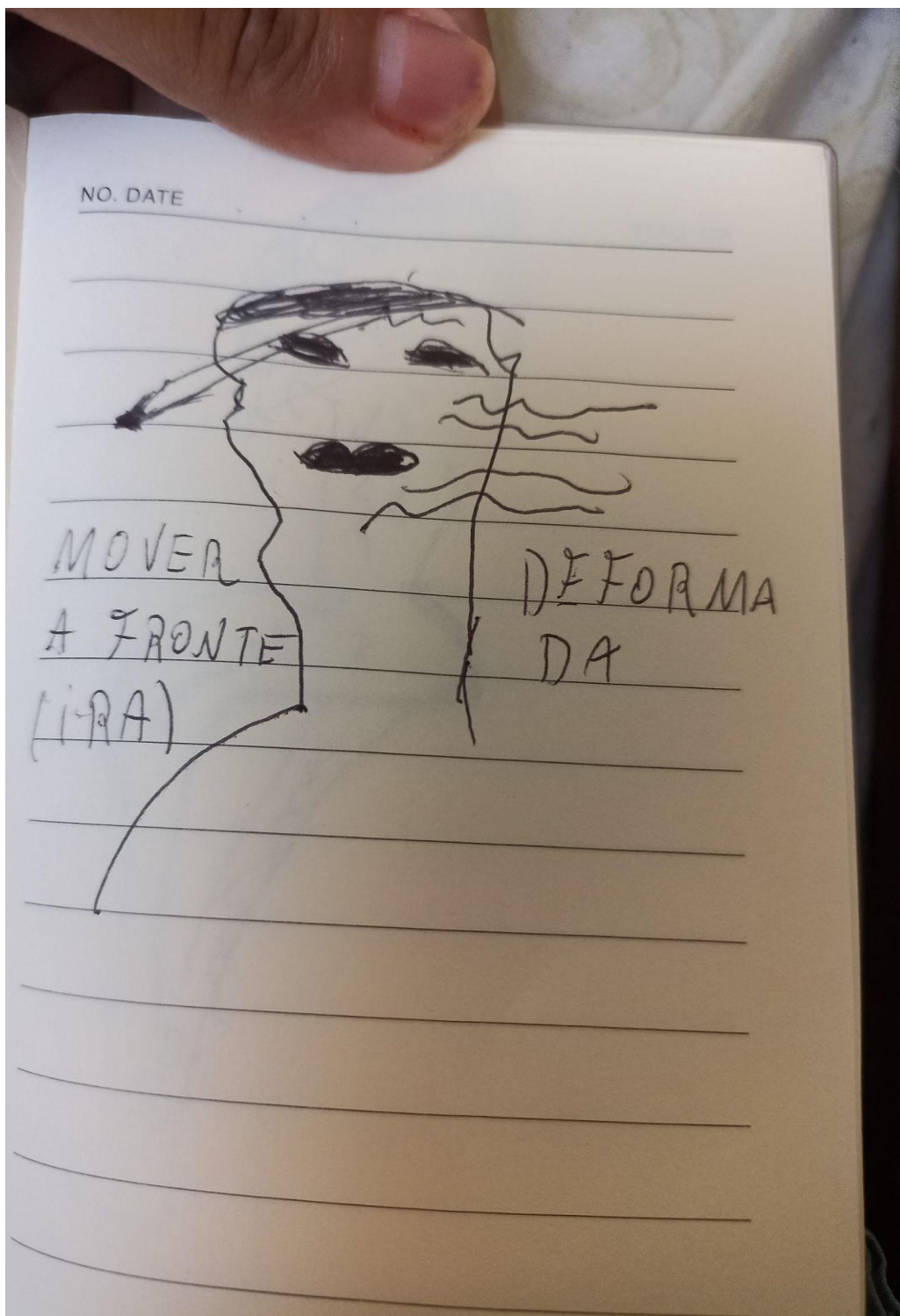
Dito
Sangue



for you

TEU OLHAR

ME QUEIMA



Os desenhos me surgiram no meio desse processo criativo como escape, como rota incerta dos caminhos da pesquisa, assim como dos caminhos que o eu atravessava no momento. Escrevo no instinto de comunicar, de verbalizar, de deixar sangrar porque tudo gira rápido, desenho porque por vezes a linguagem não da conta de acompanhar velocidade demais, e de alguma forma, com as palavras, ficam as lacunas, faço os desenhos num processo de experimentação, mesmo sem saber desenhar me permito levar pelo traço, me permito como quem perde as chaves e tem que achar uma solução, me permito como quem tenta, se descobre, faz arte, inventa.

Escrevo ainda que com desenhos para encontrar a mim, que por vezes pode ser fundido e misturado ao outro nesse processo imersivo e intensivo que são as oficinas de escrita ministradas, os desenhos são uma forma de escrever o sol na Areia tal como fazia Conceição Evaristo. Tracejar esses desenhos no meu bloco de notas pessoal, enquanto me sentia um tanto perdida quanto ao rumo da pesquisa, quanto algumas questões outras particulares, escrevo, rabisco, ensaio em grafias não alfabéticas para encontrar a mim mesma enquanto conduzo outras.

PELE 7:

os textos delas e seus atravessamentos

“Gotas de chuva molham o asfalto deixando a pista lisa, pneus se arrastam e meu corpo se arre pia, a apreensão, medo de um acidente, o ruído de um avião aterrissando na minha mente, meu peito acelera, os batimentos cardíacos como dedos batucando em uma mesa, como se de repente tivesse lembrado que esqueci algo no fogo, mas quando cheguei o açúcar já havia queimado. Me acalmo, o cheiro de um chiclete de menta aberto, não foi nada de mais, descasco uma laranja e vejo a espiral que se forma com ela. Escuto o som da maré”(BRITO, Nayara, 2021)

A casa cor de goiaba

Era uma casa em que o feijão sempre tinha mais água e a carne sempre dava para mais um.

Era uma casa com brinquedos e caretas, só às vezes tinha bronca.

Era uma casa cor de rosa e tinha cachorro grande no quintal.

Era uma casa com barulho de panela de pressão e Chaves.

Era uma casa doce, tinha cheiro de chiclete e cigarro.

Era uma casa enorme para a pequenez de uma criança.

Era a única casa em que cigarro e chiclete tinham cheiro de amor.

Era a minha casa cor-de-goiaba e hoje não tem mais amor.

Era e hoje é casa de ninguém (ROCHA, Ana Luiza, 2021)

Ao auxiliá-las na escrita, auxílio a mim mesma na jornada, ao me espalhar e me espelhar no textos de outras mulheres, outras irmãs negras, construo pequenos quilombos, moradia, afeto, partilha , conexão, performance. Palavra!

Mais uma pele que na ventania constante se integra as outras nesse pertencimento sublinhado

E SE HOVER CONCLUSÃO, É APENAS PARA DAR PASSAGEM

<https://drive.google.com/file/d/1WpSpmZgluOGQMEtA8r3YmYnAVifGRBHT/view?usp=sharing>

<https://drive.google.com/file/d/1suEdYAH3ntmE6tYRRvQZXXBzlcE0ymxa/view?usp=sharing>

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.8, n.1, 2000, p.229-236.

CORDEIRO, Victoria. **Entrevista**. Enviado via áudio pelo Whatsapp. Belém, 02/12/2022.

CORREA, Fabia. **Entrevista**. Enviado via áudio pelo Whatsapp. Sao Paulo, 02/12/2022.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cogobó, 2006.

MELLO, Inês Saber de, et al. O que é escrita performativa?. **DAPesquisa**, Florianópolis, v.15, 2020, p. 01-24.

ROCHA, Ana Luiza. **Texto autoral**. Enviado via chat do Google Meet. Brasília, 28/05/2022.

ZUMTHOR, Paul. **Leitura, recepção e performance**. Rio de Janeiro: Cosacnaif, 1993.